

# "É comigo mesmo": história oral da atuação de mulheres no Movimento Estudantil (1964-1968)

Isadora Ritterbusch Librenza<sup>1</sup>, Prof. Dr. Vanderlei Machado<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em História – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<sup>2</sup> Professor do departamento de Ciências Humanas do Colégio de Aplicação da UFRGS



Ana Bursztyn, presa no Congresso ilegal da UNE em Ibiúna, em 1968.  
Fonte: Fundação Maurício Grabois.



Passeata dos Cem Mil, Rio de Janeiro, 1968. Fonte: Blog Arquivo 68.



Derlei Catarina de Lucca, presa no Congresso ilegal da UNE em Ibiúna, em 1968. Fonte: Fundação Maurício Grabois.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no projeto “A História das mulheres que os livros didáticos não contam: as lutas femininas contra a ditadura militar no Brasil”, desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFRGS. Nesta pesquisa analisamos um conjunto de livros didáticos de História do Ensino Médio e constatamos haver uma lacuna entre a produção acadêmica e os manuais escolares. Ou seja, nos últimos anos tem sido crescente o número de pesquisas e publicações que discutem a participação feminina em grupos clandestinos que lutaram contra a ditadura, porém, este conhecimento não figura nos livros didáticos distribuídos pelo MEC para as escolas públicas do país.

Por outro lado, quando se trata da atuação das mulheres no Movimento Estudantil durante a ditadura militar percebe-se uma produção menor de pesquisas e textos publicados. Nosso objetivo com este trabalho é, portanto, contribuir para a compreensão desse período da resistência à ditadura, focando justamente na atuação feminina.

## METODOLOGIA

Inicialmente buscamos perceber a maneira como o Jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, divulgou a participação feminina no Movimento Estudantil, entre 1966 e 1968. Nesta pesquisa constatamos que a utilização do termo genérico “estudantes” acabou contribuindo para a invisibilização da participação feminina no Movimento Estudantil.

Buscou-se então utilizar entrevistas realizadas com o emprego da metodologia da história oral. Foram analisadas 16 entrevistas realizadas no âmbito do Projeto Marcas da Memória. Estas entrevistas nos foram cedidas pela professora Maria Paula Araújo, da UFF. Deste conjunto de entrevistas, procuramos destacar aquelas de mulheres que atuaram na resistência estudantil no período em análise.

Após esta primeira seleção, nos detivemos, com a ajuda de uma ficha de leitura, nas informações acerca da atuação no Movimento Estudantil. Destacamos as lembranças relacionadas com a influência da família, a vida escolar, a atuação no Movimento Estudantil Secundarista, o ingresso na universidade, a participação em Diretórios Acadêmicos, a militância no Movimento Estudantil, a ocupação de postos de liderança e se havia alguma distinção entre a atuação masculina e feminina no Movimento Estudantil.

## RESULTADOS

A partir da análise das entrevistas pudemos nos aproximar mais do nosso objeto, identificar algumas semelhanças e diferenças na trajetória das entrevistadas, bem como registrar momentos de sua atuação no Movimento Estudantil. Quanto à origem social, todas elas eram oriundas de famílias de classe média ou alta e muitas estudaram em escolas religiosas antes de ingressarem na universidade. Nessas instituições, algumas delas participaram inicialmente da Juventude Estudantil Católica (JEC), o que as aproximou de discussões acerca de assuntos políticos.

A influência da família e de amigos foi lembrada pelas entrevistadas como tendo grande importância no desenvolvimento de suas preocupações com o quadro social que se apresentava no Brasil da época. Mas é ao Movimento Estudantil que as entrevistadas atribuem a maior importância no que se refere à sua conscientização política. O Movimento Estudantil foi considerado por elas como fundamental para o entendimento e engajamento na resistência à ditadura militar. No Movimento Estudantil nossas entrevistadas atuaram em diversas frentes, participando de reuniões e assembleias periódicas, trabalhando para a conscientização dos demais estudantes, participando das manifestações de rua e pichando palavras de ordem contra a ditadura. Algumas mulheres passaram a ocupar posições de liderança em instituições estudantis. Com isso, algumas mulheres passaram a participar do universo da política, espaço até então considerado prioritariamente masculino.

## PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Paula. *Uma história oral da anistia no Brasil: Memória, testemunho e superação*. In: Marcas da memória: história oral da anistia no Brasil. Antonio T. Montenegro, Carla S. Rodeghero, Maria Paula Araújo (org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassenezi (org.), Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)* Bauru, SP: Edusc, 2005.
- MENDES JR., Antônio. *Movimento Estudantil no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1981.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*, São Paulo: Editora UNESP, 2010.